

A VIOLÊNCIA EM CENA: COMUNICAÇÃO E INSEGURANÇA PÚBLICA EM SALVADOR – BA

Alberto Leal da Paixão*

Resumo

Neste texto, analisa-se, os canais de propagação das mensagens de violência dentro do meio televisivo, tendo como evidência a relação entre a mídia e a sensação de insegurança pública na cidade de Salvador – BA. Assim, pretende-se refletir sobre algumas facetas dessa ligação não só nos domínios da mídia, mas também fora dela, através de dados obtidos em uma pesquisa com a população solteropolitana, conduzindo desta forma a uma análise subjetiva e coletiva do tema.

Palavras-chave: violência, mídia, insegurança, informação

Introdução

A insegurança é um fenômeno que ocupa a primeira posição dentre as preocupações da população brasileira, com justa razão, pois ocupa a maior parte dos noticiários e é recorrente nos programas de rádio e televisão que apresentam os fatos do dia, não como notícia, mas em uma espécie de show de variedades, explorando aqueles fatos de maior repercussão.

A ciência criou índices para medir a violência criminosa, o principal e o mais usado na atualidade por países e organizações internacionais é o número de homicídios por grupo de cem mil habitantes. É a forma de medir mais usada por ser um fato social mais visível e não passível de interpretação. No mundo estes índices são coletados e organizados de forma a que se possa comparar e compreender a realidade sobre a insegurança, visto que ela, muitas vezes, pode não ser de fato correlacionada com a realidade.

A insegurança brasileira e soteropolitana tem sua base em dados verdadeiros, o índice para o país é de 30 (trinta)ⁱ homicídios por grupo de cem mil , um número superior a da maioria dos países do mundo, sendo que Salvador, em 2001, apresentava taxas superiores a nacionais, como vemos na tabela abaixo:

Países industrializados – 5/100000;
EUA (o mais violento do G-7) – 9/100000;
Brasil (geral) – 25/100000
Salvador – 43/100000

Fonte: CEDEPLAR -2001 Apud Gomes (2005)

Destaca-se que entre os países industrializados ou desenvolvidos, encontramos a maioria com dados de variando de 0,5 (meio) – Japão; até 6 (seis) –Estados Unidos; mas para respeitar a comparação com países desenvolvidos, incluímos a Rússia com 10 (dez) , portanto a média, neste caso, apresenta uma idéia, mas não passível de uma generalização verdadeira, Nosso índice é cinco vezes maior e poderia ser, de fato, 10(dez) vezes maior que o índice do “mundo” que tomamos por referência.

É consenso do meio científico que existe uma banalização da vida humana que se reflete nas estatísticas criminais de todo país, muito embora não seja um fenômeno exclusivo do Brasil, como deixa claro o estudo "O que vai pelo mundo" do Itamarati, que demonstra que os índices de violência criminosa crescem em todo o mundo, até em países considerados avançados, porém cresce em proporções muito maiores na América latina e no Brasil. (CARVALHO, 2007)

Nos últimos anos, nos quais ocorreu o aumento da violência no Brasil, também ocorreu um forte avanço tecnológico que proporcionou o avanço dos diversos meios de comunicação. Reforçados pelo distanciamento físico e cultural dos espectadores dentro do nosso país, os meios de comunicação em massa se evidenciaram como “modelos” para sociedade, e transmitem e “emitem” através de suas programações, informações de todos os tipos baseadas, na sua maioria, em fatos sociais que acontecem todos os dias e que, pela transmissão, passa a repercutir para além de seus limites físicos naturais, agora são socializados por muito mais pessoas.

No que se refere à relação da violência com os meios de comunicação, segundo Elizabeth Rondelli (1998), o aumento dos episódios de violência, particularmente de homicídios, nas duas ultimas décadas no Brasil, fez com que o noticiário sobre a violência migrasse dos seus tradicionais redutos nas editoras e nos jornais especializados em crimes e ganhasse destaque, de maneira generalizada, em todos os meios de comunicação. Com essas transformações e o excesso de tematizações simplistas, apelativas e desprovidas de ética, a programação que chega até o espectador, está cada vez mais recheada de temas escandalosos,

com destaque para os atos de violência que passam a assumir um espaço cada vez maior do tempo e do conteúdo das programações.

É nesse contexto que se insere o nosso trabalho, tendo como evidência a relação entre a mídia e a sensação da insegurança pública. Assim, pretende-se refletir como a realidade dos fatos atinge e interage com o público, como a mídia age em relação à transmissão da insegurança e como ela pode atuar sobre o problema, como causa e reflexo. Para tanto, uma investigação teórica e a análise dos dados obtidos através de pesquisas são fundamentais para compreendermos como a mídia televisiva tem influência na sensação de insegurança e como contribui para grande demanda real por segurança pública em Salvador BA.

Violência em Cena

Se fracionarmos qualquer pedaço da história do nosso país percebe-se que de diversas formas a violência foi parte do processo, como uma ferramenta “essencial” na construção da nossa sociedade e conseqüentemente na construção de nosso Estado.

A ocupação dos exploradores europeus foi determinada por verdadeiras agressões, não só homicídios, mas também por roubos, doenças e principalmente com a destruição da vida social de diversas tribos indígenas, caracterizando-se em verdadeiro genocídio. Sabe-se através de pesquisas que havia milhares de grupos indígenas, e que a maioria foi exterminada no decorrer do processo de colonização luso-brasileiro.

No decorrer desse processo, também foram introduzidos os escravos negros que , também, foram também vítimas do violento processo de dominação. Durante quase quatrocentos anos, os escravos foram trazidos de diferentes regiões da África para viverem sob as duras regras e formas de trabalho forçado existentes na colônia. Vindos em grandes navios, alguns chegavam já mortos e outros exaustos, dessa forma os proprietários sustentaram o sistema de plantationsⁱⁱ produzindo riqueza para eles e consolidando, através da expropriação da terra e da própria cultura, mais tarde, a pobreza para os que estavam no grupo dos Ameríndios e dos Negros.

As diferentes culturas ameríndias e africanas, mesmo violentadas e fragmentadas, participaram intensamente da formação da sociedade nacional, e juntamente com os europeus, formaram uma rica sociedade de interação e troca sócio-culturais. Contudo os interesses de

ocupação e expansão da riqueza e da elite que dominou o Estado foram evidenciados com situações de exploração e discriminação.

As atividades mudaram com o tempo, passamos por “ciclos” econômicos, mas o modelo permaneceu, uma minoria proprietária e uma maioria explorada, foram os “senhores de engenho”, os “coronéis”, os “barões do café”, os “senhores das minas”, os “donos de seringais” de um lado e os “matutos”, “roceiros”, os “seringueiros”, os “colonos”, os “peões”, os “bóia fria”, enfim, os trabalhadores do campo do outro.

Portanto, a colonização mercantilista, o imperialismo, o coronelismo, o regime das oligarquias, a independência, tudo isso adicionado a um Estado caracterizado pelo autoritarismo burocrático, contribuiu decisivamente para a violência que envolve a história do país.

Além disso o Brasil está cheio de episódios que envolvem situações de tortura e exercício da força física marcado pelo regime militar, e até mesmo depois dele freqüentemente registram-se fatos dessa vertente.

A cordialidade do homem brasileiro precisa ser relativizada e contextualizada dentro desse panorama. Se for entendida como uma manifestação de sentimentos e emoções na vida social, sem conotações necessárias de gentileza e bom trato, poder-se-ia até tentar incorporá-la como objeto de investigação de um ethos e de uma cultura nacional. Da mesma forma, o jeitinho poderia ser analisado como parte de um repertório no qual a manipulação de poder e de relações, a corrupção e o uso da força têm papel crucial. (Gilberto Velhoⁱⁱⁱ, 2000.)

Partindo dessa idéia, alcançamos um entendimento de que a sociedade brasileira acabou se acostumando com a questão da hierarquia e autoritarismo. Ainda segundo do autor, “a sociedade tradicional, a partir de um complexo equilíbrio de hierarquia e individualismos, desenvolveu, associado a um sistema de trocas, reciprocidade na desigualdade e uso da violência, mais ou menos legítimo, por parte de atores sociais bem definidos”.

A violência desenfreada não existe só no Brasil, é um fenômeno mundial. Muitas sociedades estão imersas por guerras civis, conflitos étnico-religiosos, conflitos políticos, etc. No entanto, no Brasil ela ocorre sem guerra civil declarada, e com liberdades e direitos teoricamente garantidos. A violência atingiu uma situação deplorável, principalmente nas metrópoles onde as manifestações da criminalidade estão por todos os lados, homicídios, seqüestros, roubos, tráfico de drogas, etc.

Nesse contexto, as camadas mais baixas da sociedade engordam as listas de vítimas desprotegidas, nas favelas e periferias os criminosos são os verdadeiros donos do lugar, não respeitando as pessoas, casas, escolas, lojas, etc.

Frente a essa situação, o poder público se mostra incapaz, e as soluções do sistema judiciário andam constantemente para trás. A polícia por sua vez não consegue atender a grande demanda das cidades brasileiras, ou estão envolvidas em corrupção, aliás, essa está inteiramente associada à falta de segurança e a violência que atinge o país - a deterioração dos valores morais.

Esta situação é explícita em Salvador, onde grande parte da população vive com o mínimo e uma parcela pequena vive com o máximo. Segundo dados da própria Secretaria de Planejamento do Município de Salvador – SEPLAM, 48% do território da cidade é ocupado de forma irregular – compreende-se: por favelas – e apenas 52% de forma regular e nos 48% ocupados pelas invasões e favelas, encontramos cerca de 70% do total da população, com uma renda média inferior a 2 (dois) salários mínimos (dados da pesquisa para o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental – PDDUA - 2003) e cerca de metade dessa população recebe menos de 1(um) salário mínimo. Estes dados vêm confirmar a organização de nossa sociedade citada por inúmeros autores, e evidenciada no editorial da primeira revista Observare (revista do Observatório de Segurança Pública da Bahia)

A evolução da sociedade escravagista de 1888 para uma sociedade moderna que deveria ter seus fundamentos no ideário democrático gerou inúmeras revoluções e contra-revoluções terminando por cristalizar-se em um verdadeiro dissídio político entre o poder e a sociedade identificado por Rodrigues (1965): estabilidade da estrutura e instabilidade dos governos em uma relação direta entre a pequena parte da população que atinge o poder e a maioria mantida à margem.(Revista Observare Nr 1)

Salvador é um destino turístico brasileiro e mundial. A opção por adotar uma política que contemplasse o turismo como uma das principais atividades econômica para a cidade foi decorrente da beleza da baía de Todos os Santos, suas águas cálidas e da cultura de sua população, de origem, na sua maioria, africana. As mães de santo, os terreiros, a comida, o sol e a praia são fontes de atração para o turismo. A partir dessa premissa a cidade foi paulatinamente orientada para as festas e eventos, que vão do carnaval até congressos internacionais. Turismo não casa com curtiço, favela e pobreza, para isso buscou-se recuperar o centro histórico da cidade, assim como mudar a população que ali residia para outras áreas distantes dos turistas, como a área que passou a se denominar “miolo” da cidade, situada longe da baía, do atlântico e do centro. Foram construídos milhares de conjuntos residenciais para onde foram transferidos os antigos moradores das áreas turísticas do centro histórico e de algumas invasões da orla marítima.

A mudança não foi acompanhada da infra estrutura, não foram construídos hospitais, escolas e delegacias em número compatível com a população, muito menos foram criados

empregos para esta massa humana de trabalhadores de baixa especialização, sem trabalho e sem condições que possibilitassem um futuro melhor. Paulatinamente estas áreas foram transformando-se em uma mistura de conjuntos habitacionais e favelas (ou invasões) gerando espaços de difícil circulação, com elevada concentração de desempregados, de jovens sem perspectivas, campo fácil para o surgimento da criminalidade.

Hoje, parte considerável do subúrbio ferroviário e do “miolo” de Salvador transformaram-se em espaços perigosos, onde se contabilizam vários homicídios diariamente e muito mais nos finais de semana, conjunção possível do álcool, drogas e armas.

Podemos resumir a questão atual através da seguinte citação:

A família, a escola e a religião não têm sido capazes, por sua vez, de resistir a essa deteriorização de valores. Na sociedade tradicional, com sua violência constitutiva, existiam mecanismos de controle social que marcaram uma moralidade básica compartilhada. Sem dúvida, continuam existindo áreas e grupos sociais que preservam e se preocupam com essas questões. Certamente a maioria das pessoas não é violenta ou corrupta. No entanto, o clima geral de impunidade incentiva a utilização de recursos e estratégias criminosas. A mídia, fundamental numa sociedade democrática, denuncia e divulga o estado de coisas, tornando pública, pelo menos, parte da atividade criminosa. Mas, em poucos casos, existe a percepção de que a denúncia tem conseqüências, aumentando a sensação de injustiça e impunidade que é, talvez, a principal causa de violência(...)iv (Velho, 2000)

O desafio da Mídia

Na história da mídia, nunca houve uma cobertura de atos e conflitos violentos e tantos fatos jornalísticos tão tempestivos, como existe hoje. Até a Primeira Guerra Mundial, os correspondentes mandavam as notícias para os jornais por pombos correios e posteriormente por telégrafo.

Há mais de um século, jornais brasileiros mandaram correspondentes para cobrir, no calor dos acontecimentos, o conflito de Canudos, no sertão da Bahia. A Guerra de Canudos teve grande repercussão no país graças às reportagens publicadas nos jornais de 1897. Posteriormente a luta foi retratada no livro *Os Sertões*, cujo autor, Euclides da Cunha, havia sido enviado à Bahia para cobrir o conflito pelo jornal O Estado de São Paulo.

Já na Segunda Guerra Mundial, o grande veículo de comunicação era o rádio que permitiu que a notícia fosse transmitida para a população na hora de seu acontecimento, sendo descrita pelo locutor que via o fato. Conflitos posteriores como a Guerra do Vietnã e a Guerra do Golfo foram acompanhados por milhões de espectadores pela televisão, que exibia cenas

das batalhas, inicialmente gravadas e chegando ao final da guerra a serem transmitidas ao vivo, em tempo real.

Hoje transmitir em tempo real é um fato corriqueiro, o normal, inclusive com imagens antes não acessíveis ao público, imagens capturadas por pessoas anônimas, envolvidas ou surpreendidas pelos fatos. Aliás não existem fatos que permaneçam ocultos da internet, a rede mundial permite a propagação imediata de dados, o que aliado as máquinas digitais, os telefones ligados a internet, gera um mundo real virtual.

A informação sobre violência atingiu o seu auge quando pessoas, internautas e espectadores de televisão de todo o mundo acompanharam, em transmissão praticamente simultânea, os atentados terroristas de 11 de Setembro, nos EUA.

Assim podemos perceber que há uma tendência de simultaneidade em torno da mídia, preocupada cada vez mais com o imediatismo das notícias e os fatos que acontecem. Se por um lado, o volume de notícias, principalmente sobre os temas da violência e da segurança pública, é expressivo justificando a corriqueira cobertura desses assuntos, por outro lado, ela (a imprensa) precisa conscientizar-se sobre o seu papel diante da sociedade.

A mídia, em especial a partir do aparecimento e da popularização da televisão na década de 70 no Brasil, vem exercendo ao longo dos anos, uma função extremamente importante e de grande responsabilidade diante da sociedade, principalmente no que se refere à formação do indivíduo, em relação aos valores morais, ao caráter, à dignidade, à cidadania e todas as demais qualidades fundamentais relacionadas ao comportamento e a convivência social. Indiscutivelmente a proliferação dos meios de comunicação em massa, principalmente a televisão, traz novas perspectivas a pessoas que anteriormente tinham pouco ou nenhum contato com certas culturas, facilitando a esse grupo acesso à diversos tipos de informação. A televisão é um poderoso espaço que garante subsídios à informações e a reflexões sobre a sociedade e sobre o exercício da cidadania.

Esse debate em relação à mídia, em especial a televisão, justifica-se, dada a importância deste veículo como instrumento de conscientização e educação da sociedade. Fazendo-se necessário o cuidado pela sua programação, principalmente relacionado a questões tão importantes como a violência e a segurança pública.

A partir do fim da censura e da Constituição de 1988, a TV brasileira, a propósito do uso da liberdade de expressão, vem perdendo a dignidade em decorrência de uma possível confusão entre os limites da censura que foi extinta e os limites da moralidade e bom senso, que ainda não foram atingidos. Aproveita-se do conformismo do cidadão em relação a temas polêmicos, como a violência, bem como foi citado anteriormente neste texto. A TV e suas

programações estão desvirtuadas do propósito inicial. Os programas e tele-jornais que hoje pontuam na mídia se baseiam principalmente em sair à caça de audiência a qualquer custo, usando para tanto de exibicionismo e “showjornalismo” afrontando no mínimo a decência e moralidade. Essa busca constante por índices de audiência, sem importar os meios para tanto, vem tomando proporções alarmantes, gerando sobretudo uma banalização do conteúdo que por ora deveria ser no mínimo discutido e levado a níveis capazes de gerar conhecimento e soluções.

Violência e Mídia em Salvador

A Profa. *Tailze Ferreira*^v. Discute nos seus estudos em relação à violência, que a mídia, na maioria das vezes, não deixa emergir o amplo espectro social que envolve esse fenômeno, contribuindo para a criação de estereótipos e preconceitos. Partindo do princípio de que as notícias selecionadas para destaque e permanência nas pautas de edição são, muitas vezes, tendenciosas, o que não permite perceber as dimensões a respeito da violência e a dinâmica de suas práticas. Ainda segundo ela, o caráter ideológico dos discursos se evidencia quando o tema da violência é usado abusivamente pela mídia, sempre relacionados a outros problemas socialmente condenáveis tais como desigualdade social e miséria, como se as pessoas fossem meros fantoches das condições econômicas e desprovidas de moral, de caráter, de discernimento.

(...) percebe-se que o adjetivo violento é sempre usado para caracterizar “o outro”, qual seja, os que vivem nas favelas e nos bairros pobres. Essa idéia de causalidade, exaustivamente usada pela mídia, impede pensar as práticas sociais mais associadas à violência como parte de uma complexa rede social tramada pelo “entrelaçamento de eventos e interpretações, coisas e representações, construídos por pessoas que vivem, ou seja, participam de tais fatos, sentem-nos e os pensam”^{vi} (Zaluar,1998)

Em salvador a maioria dos programas televisivos (ver tabela a seguir) que tratam do tema da violência, do ponto de vista jornalístico dão um tratamento superficial às matérias, revelando um investimento ainda pequeno na investigação jornalística nesse setor. No entanto, durante o período acompanhado pelo Observatório de Segurança Pública da Bahia de julho de 2006 à julho de 2007, observamos que as emissoras investiram na melhoria de sua estrutura e no formato de seus programas e tele-jornais. Oferece mais opções de contato e

entretenimento ao telespectador, através de implantação de call-center, sites atualizados, emails, promoções, etc. voltando sempre às ações para fidelização de sua audiência.

Quando analisamos os programas regionais de TV, verificamos que eles estão inseridos basicamente pela manhã, ao meio dia e ao final da tarde. A propósito das informações relacionadas à violência, fica evidente, através do grande numero de reportagens, que a grande preocupação da maioria desses programas ainda é em repassar os fatos acontecidos no dia anterior, com apreciações maniqueístas dos acontecimentos, aproveitando-se de “motes” que atraíam atenção, sem nenhuma avaliação dos efeitos desta disputa pela audiência. Destaca-se desse grupo o *Balanço Geral** que é um dos programas que, no decorrer do estudo, mostrou que atua de modo significativo para angariar audiência dentro dos bairros periféricos de Salvador, discutindo problemas relacionados à saúde, educação segurança, saneamento e outros assuntos ligados às comunidades desses locais.

A seguir é apresentado um quadro com os programas jornalísticos televisivos veiculados pelos canais com recepção através de sinal aberto em Salvador. Nota-se que os próprios nomes vão paulatinamente fugindo escopo jornalístico e adequando-se a exploração dos fatos, para se ajuntar aos temas básicos dos programas. Os denominados “jornais” possuem nomes que indicam sua finalidade geral, enquanto que os programas dedicados a exploração dos fatos têm nomes que indicam o viés em que atuam. “Se liga bocão” é uma expressão que leva a pensar em determinado fato, uma gíria que indica que não será tratado de notícias e sim da exploração do fato. Fatos discriminadamente escolhidos.

Tabela1- Programas e Tele-Jornais de divulgação da notícia local.

PROGRAMA	DIA	HORÁRIO	APRESENTADOR	EMISSORA
Jornal da Manhã	Seg à Sex	06h30		Tv Bahia (Globo)
Bahia Meio Dia	Seg à Sab	12h00	Casemiro Neto Patrícia Nobre	Tv Bahia (Globo)
BA TV	Seg à Sab	19h00	Kátia Guima	Tv Bahia (Globo)
Bahia no Ar	Seg à Sex	07h00		Tv Itapoan (Record)
Balanço Geral	Seg à Sex	12h25	Raimundo Varela	Tv Itapoan (Record)
Bahia Record	Seg à Sab	19h30		Tv Itapoan (Record)
Jogo Aberto	Seg a Sex	12h30		Band Bahia
Band Cidade	Seg a Sab	19h		Band bahia
Se Liga Bocão	Seg à Sex	13h00	Zé Eduardo	Tv Aratu (SBT)

PROGRAMA	DIA	HORÁRIO	APRESENTADOR	EMISSORA
Aratu Notícias 1ª Edição	Seg à Sex	11h45	Rita Batista Luana Brito	Tv Aratu (SBT)
Aratu Notícias 2ª Edição	Seg à Sex	19h	Cara Araújo Marcus	Tv Aratu (SBT)
TVE Noticias	Seg à Sex	18h30		TVE

Um dos objetivos deste texto é analisar o resultado da pesquisa^{vii}, e relacioná-los com a realidade em que se vive. Partindo desse intento selecionamos dos grupos de entrevistados, formados por moradores das periferias e outro formado por moradores das classes media e alta. Através de um questionário com perguntas abertas e fechadas foi possível identificar a opinião e o posicionamento desses públicos em relação à violência, principalmente àquela assistida na TV. Além de fornecer informações quantitativas sobre audiência e preferência pelos meios de comunicação em massa.

Como podemos observar nos gráficos a seguir, na questão que se refere a indicação do meio de comunicação de massa mais utilizado, existiu uma diferença presumível entre os dois conjuntos de entrevistados.

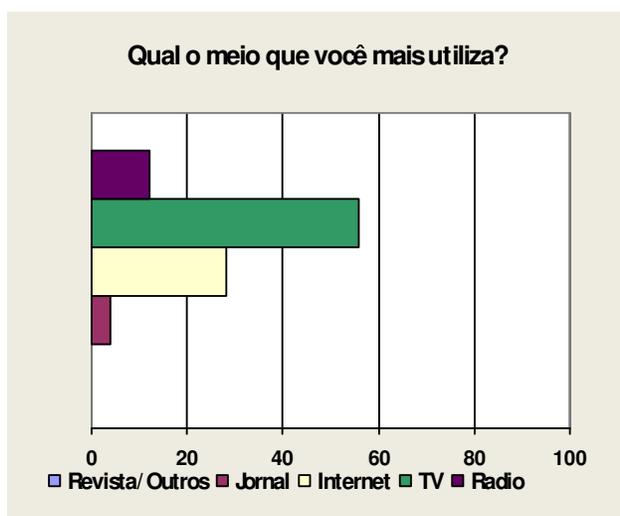


Gráfico 1. Pesquisa Aplicada com moradores da periferia

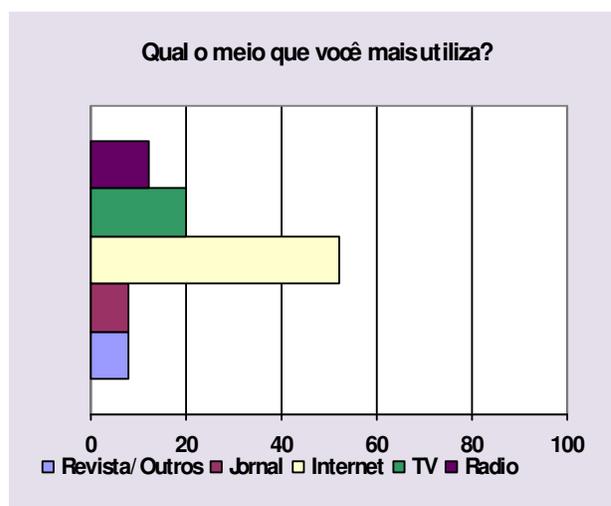


Gráfico 1.2 Pesquisa com moradores de áreas Nobres

A indicação da TV como o principal meio utilizado foi de aproximadamente 60% no primeiro gráfico entre os moradores da periferia, já a maioria pertencente a bairros nobres admitiu ser a internet o principal meio de comunicação utilizado. Uma das explicações para

essa diferença é a questão da renda, pois a maioria da população entrevistada nos chamados bairros nobres tinham um poder aquisitivo maior, com acesso a computadores, notebooks, banda larga, etc. Embora a internet seja uma grande fonte de informação, notamos em ambos os resultados uma relevante notoriedade da televisão, já que nesse estudo estamos evidenciando o papel dos noticiários e programas deste meio. Para entender essa importância basta que se dimensione o papel desempenhado pela TV com a exposição de temas como a violência.

Quando indagados sobre como obter informações sobre a violência que pode atingi-los, os dois grupos indicaram que a “grande mídia” (TV – Rádio - Jornal) são as melhores opções para ficar informado, sobretudo segundo os entrevistados, eles ficariam “protegidos” através destas informações. Ao analisar essa resposta nos questionários abertos notou-se, que a relação entre informação e medo é constante na população de maior poder aquisitivo, a idéia da proteção para eles, se resume em não “passar perto de lá” (local onde aconteceu o crime, etc). Também percebemos, através dos questionários analisados, que a maioria dos entrevistados de ambos os grupos se sente conformada com “absurdos” que passam nos noticiários, segundo eles a mídia mostra a realidade que acontece lá fora.

O Autor *Voigt*^{viii}(1998), cita estudos que mostram que há uma complexidade maior de elementos entre o que foi proferido pelo discurso da mídia e o que foi assimilado pelo público. Há um universo que determina, em cada lar, em cada indivíduo, o modo como é assistida, interpretada e como seu discurso será reelaborado pelo telespectador. Além do que, existe a individualidade de cada sujeito, com decodificadores de mensagens que nunca são iguais. Assim, ao analisarmos a influencia da mídia sobre o espectador verificamos que, apesar das diferenças sociais, ambos os grupos declaram que mudam ou limitam seu programa diário, de acordo com o que vê nesses noticiários, embora 60% assumem não sentir “na pele” a realidade que é passada através destes noticiários. Vejamos os gráficos a seguir.

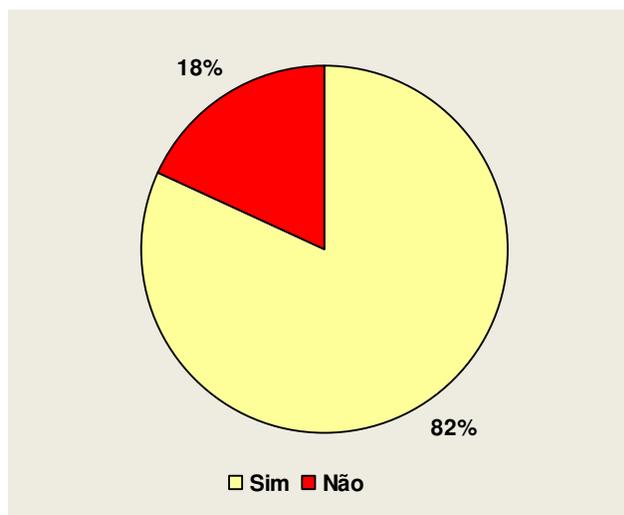


Gráfico 2. Público periférico. Qual a influencia dos noticiários sobre o programa diário.

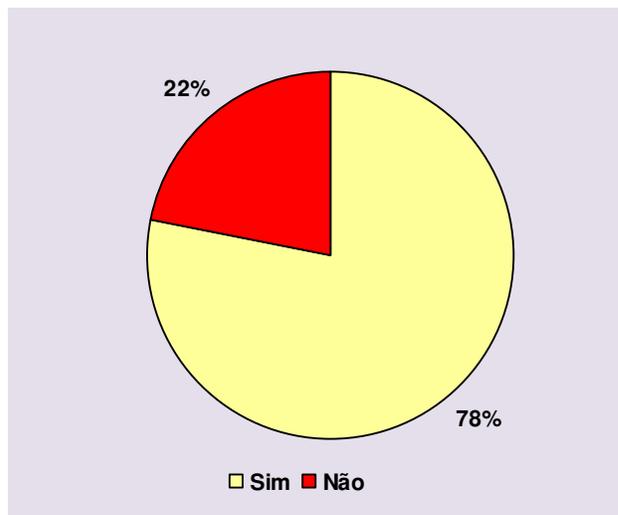


Gráfico 2.1 Público bairros Nobres. Qual a influencia dos noticiários sobre o programa diário.

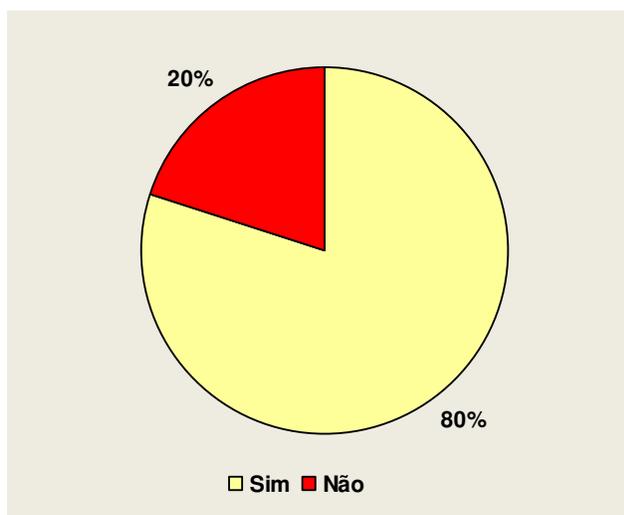


Gráfico 2. Público periférico – O que vê nos noticiários é sentido na realidade?

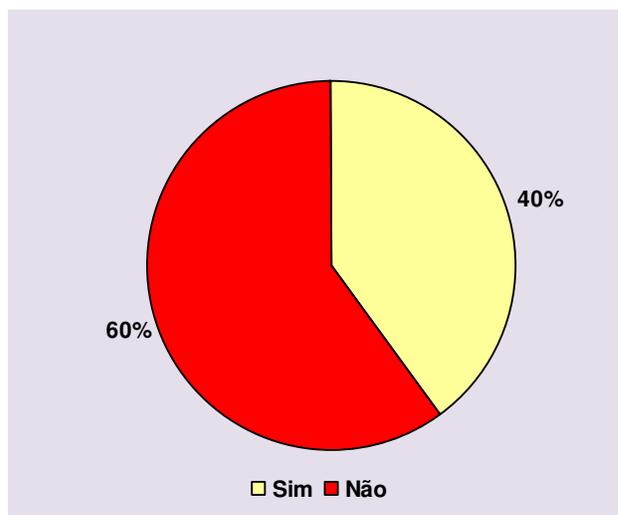


Gráfico 2.1 Público bairros nobres- O que vê nos noticiários é sentido na realidade?

O gráfico 2 (dois) explicita que a mídia televisiva faz com que o telespectador “sinta” a insegurança. Tal fato constatado nos faz refletir sobre a capacidade deste meio (e de outros como a internet) de universalizar um fato, trazendo-o do local onde acontece até o próprio telespectador, tornando-o próximo. Um tiroteio na favela do alemão no Rio de Janeiro nos faz sentir insegurança ao passar próximo de um local semelhante (favela) em Salvador. Um

seqüestro de motorista nos faz sentir inseguro ao dirigir. É natural, é decorrente da percepção. A questão que este trabalho apresenta é como usar este conhecimento, esta percepção, em favor da reflexão para encontrar soluções.

Seria muita pretensão determinar uma solução para este fenômeno, sem dúvidas isso demandaria discussões mais amplas e fortalecidas sobre o assunto. Porém, por meio deste estudo, concluímos que a mídia através dos noticiários e programas é sem dúvida uma das principais responsáveis pela disseminação da insegurança e do medo, diante da gravidade da crise da segurança pública no país, contudo o que esperamos dela, é que assuma o seu papel motivador dentro da sociedade, e a partir daí incite iniciativas de debate sobre o tema, o que poderia motivar ações mais eficazes e abrangentes por parte do Estado.

Referência

AUMONT, Jaques. A imagem. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

BARROS FILHO, Clóvis de: Comunicação na Pólis - Ensaio sobre Mídia e Política. Ed. Vozes . Petrópolis. 2006.

CABRAL, Muniz Sodré Araújo, s/d - O Monopólio da Fala - Função e Linguagem da Televisão no Brasil - Ed. Vozes - Petrópolis – Brasil

DA VIA, Sarah Chucid. Opinião pública: técnica de formação e problemas de controle. São Paulo: Loyola, 1983.

DIAZ BORDENAVE, Juan E. Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1987

MELO, Jose Marques de. Comunicação: teoria e política. São Paulo: Summus, 1985.

ODALIA, Nilo. O que é violência. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CARVALHO, Sílvio Roberto Bastos de. Os custos da (in)segurança na Bahia: Um estudo exploratório. Dissertação de Mestrado. 2007. Mestrado em Análise Regional. Universidade Salvador. Salvador Bahia. 2007.

PINTO, Milton José. Produção e recepção dos sentidos midiáticos. 2. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1998.

ODALIA, Nilo. O que é violência. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

VANOYIE, Francis e Goliot-Lété, Anne. Ensaio sobre a análise filmica. Campinas, SP: Papirus, 1994

RONDELLI, Elizabeth . Mídia, violência e cultura no Brasil contemporâneo. Leitura, Universidade Federal de Juiz d, 15 out. 1995.

VELHO, Gilberto. Revista Estudos Avançados, 14(39):56-60, maio/ago.2000)

OBSERVARE: Revista Interdisciplinar de Segurança Pública do Território [recurso eletrônico]– Vol1, (jan./jun. 2007)- - Salvador : Universidade Salvador – UNIFACS. Observatório Interdisciplinar de Segurança Pública do Território , 2007.

VOIGT, L. A Televisão e a Violência: O Poder Atribuído. Porto Alegre, 1998. Disponível em <http://www.ufrgs.br/psiq>. Acesso maio 2007.

Investimento social na idade média. www.andi.org.br/_pdfs/gife-andi.pdf. Acessado em julho de 2007

*Graduando em Comunicação Social pela UNIFACS – Universidade Salvador. Bolsista FAPESB. Atua no Observatório de Segurança Pública da Bahia desde 2006.

ⁱ O relatório das ocorrências policiais de 2005 das Polícias Cíveis, disponível em www.senasp.gov.br, apresenta um número menor para Salvador, de 25/100.000, número que é superior ao de mortes por homicídio pesquisado pelas certidões de óbito do DATASUS, todos os dados são passíveis de contestação

ⁱⁱ Denominação da atividade de monocultura para exportação, no caso, a da cana de açúcar, seguida pela do café.

ⁱⁱⁱ Professor titular de Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ (Texto publicado na revista Estudos Avançados, 14(39):56-60, maio/ago.2000)

iv (Texto publicado na revista Estudos Avançados, 14(39):56-60, maio/ago.2000)

^v **Tailze Melo Ferreira** Professora de Língua Portuguesa do Curso de Jornalismo do UnilesteMG - Nas Teias Da Mídia: Uma Leitura Da Violência Em *Cidade De Deus*, De Paulo Lins

^{vi} ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In : SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.254.

^{vii} Pesquisa Qualitativa envolvendo amostra intencional de aproximadamente 30 (trinta) pessoas de cada grupo

^{viii} VOIGT, L. **A Televisão e a Violência**: O Poder Atribuído. Porto Alegre, 1998